

Casa Branca ao Luar
Óleo sobre tela, 50 x 70 cms



O Existencialismo de Inos Corradin

Guido Arturo Palomba

Acho que todos aqueles que gostam de escrever sobre pintura, mesmo os que não são críticos de arte como nós, quando de fato são tocados pela beleza da obra, almejam expressar exatamente o que sentem diante do belo. Inos Corradin propiciou esse momento a muitos críticos consagrados, no Brasil e em várias partes do mundo, em especial na Itália, Suíça, Israel, Bélgica, Alemanha, Argentina, Canadá, França, Estados Unidos, Holanda, em cujos países se encontram algumas de suas obras, em coleções públicas e privadas. Muitos puderam, com lindas palavras, analisar e

externar o prazer e a admiração que sentiram diante das fantásticas telas de Inos, mas talvez quem tenha conseguido sintetizar melhor esses caros momentos foi o consagrado crítico de arte italiano Giorgio Segato. Em sua excelente obra, "La visione incantata di Inos Corradin" (1996), revelou-se assim: "Fascina, indubitavelmente, a lisura e a polidez da paleta do artista e a sua habilidade nos mais elevados níveis, a restituir cenas de representação pictórica com o senso do mistério e da magia da vida, das coisas simples, de uma paisagem noturna, a evidência de um monte-ilha que sai do mar e se embebe de luz lunar, a intensidade do gesto do

musicista em relação paritária de diálogo com o instrumento... a cor sempre finíssima, doce, mágica, e cada quadro parece quase uma janela da alma, uma efusão do sentimento".

Admirando as telas de Inos, tomados pelo seu encanto, ousamos afirmar que sua obra tem a mesma essência da arte de Van Gogh, de Beethoven e de Fernando Pessoa!

Nesse passo o leitor dirá que o articulista está extrapolando, quiçá passando de "psiquiatra" a "pazzo", considerando que um é, no gênero, o maior pintor de todos os tempos, outro compositor, outro poeta. Mas, com a devida vênia, todos têm em suas obras, nitidamente

estampado, o marco do existencialismo profundo. Essencialmente são semelhantes.

Van Gogh, fascinado pelas cores, fixava nas telas a essência do derredor, que lhe entrava pelo vão de sua alma sensoperceptiva introvertida (como em *Tarde de Verão*, 1888, ou no olhar de Dr. Gachet, 1890). Beethoven fazia igual com a música, compondo com profundidade fina e penetrante, transcendendo o próprio eu, que vai se fixar na essência do belo, como *in Sonata ao Luar*. Fernando Pessoa deixou claro o existencialismo profundo em toda a sua obra, ... e "invejou" o Esteves da Tabacaria, o que não tinha metafísica. Cada qual a sua maneira, a externar o existencialismo a partir da própria natureza, remexida até as últimas instâncias e transmutada em obras de arte belíssimas de invulgar refinamento.

Inos Corradin também é existencialista da mesma intensidade. Suas obras são profundas e a melhor prova disso é que, quando vistas, remetem o observador aos longínquos do próprio ser: equilibristas e músicos, que expressam — no

tudo e em particular nos pés, mãos e olhos — linguagens de sensibilidade e sentimentos; pores do sol em carmim intenso que se degrada ao róseo, e amarelo, sem saltos; noturnos com luareos belíssimos, refletidos em azuis mediterrâneos e verdes equóreos; marinhas desertas, pequenas casas, a imensidão do mar e céu, engendrando consciência reflexiva pela presença do infinito na calma da paisagem contemplativa.

Entrevistando-o, Inos nos disse: "Minha pintura é o meu interior, é o que vai para fora de mim... os elementos pictóricos que uso têm que estar no quadro, sou eu externado".

Note o leitor, quando da exposição de suas obras, em maio/junho, na sede da APM (Pinacoteca Ernesto Mendes), que Inos quase sempre apresenta em seus quadros dois pequenos elementos: a bola, com cores que se repetem, e o pássaro branco. Que será? A bola tem amarelo, verde, branco, "rosso". As duas primeiras são as cores do Brasil, as três últimas, da Itália, dois países que compõem o universo de Inos (nascido na Itália em 1929, imigrou para o Brasil

em 1950). O elemento bola, em leitura jungueana, é onde se integram as cores indicativas de dois mundos diferentes, mas não partidos, e emoções diferentes, mas não contrárias. Entre esses diferentes polos tece-se e urde-se espontaneamente a bola colorida: mandala que simboliza a unidade e a totalidade, o *unus mundus* de Inos Corradin.

O pássaro branco (às vezes com asas, naquelas cores mencionadas) é o signo da vida estoica, simples, meditativa e livre. É São Francisco de Assis e os pássaros... é o "abstém-te e suporta" que o ajuda a lidar com a melancolia existencial própria dos artistas geniais.

A pintura de Inos Corradin é totalmente resolvida: tem sentimento, pensamento, intuição e percepção, ao mesmo tempo. Por isso, quando estamos diante de suas telas, ficamos encantados e reflexivos, como agora a olhar para "Casa Branca ao Luar".

Guido Arturo Palomba, diretor Cultural da Associação Paulista de Medicina

Anita Garibaldi

Yvonne Capuano

A cidade de Laguna, localizada entre a serra e o mar no Estado de Santa Catarina, apresenta acidentes geográficos típicos, praias e costões, rios navegáveis, lagoas, vastas planícies de areia e aluviões, morros e montanhas. À margem de um grande lago, situa-se numa das mais variadas e belas paisagens do país. Foi nesse lugarejo que nasceu Ana Maria de Jesus Ribeiro — Anita, como a chamava Garibaldi, em data imprecisa, possivelmente em 1821.

Muito se escreveu sobre ela e, como acontece com os que se destacam por atitudes destoantes do senso comum, tem uma biografia repleta de controvérsias. Mas sua trajetória — enriquecida por atos de amor, coragem e heroísmo — merece figurar no rol dos imortais que dignificam a condição humana.

A vida de Anita apresenta-se pontea-

da de imprecisões. Deve-se admitir, porém, que ela teve importância histórica a partir da união com Garibaldi. Naquele tempo era comum casar-se jovem, ter filhos, cuidar da casa e do marido, não sendo oferecidas às mulheres oportunidades para o exercício de outras funções. Anita não foi diferente, embora existam testemunhos reveladores de que era dotada de personalidade marcante, que a destacava das jovens da sua geração. Entretanto, ela pouco deixou anotado para que os estudiosos e pesquisadores pudessem fazer análise mais apropriada de sua vida. O amor por Garibaldi e os ideais patrióticos, demonstrados de forma incontestável em todos os seus atos, é que permitem conhecê-la, como mulher e guerreira.

Figura esboçada apenas pelas ações concretas de que participou, pelos depoimentos dos que com ela conviveram e por algumas cartas deixadas, contrasta

com Garibaldi, que legou aos historiadores um tesouro autobiográfico em suas *Memórias*. Ficaria também restrita a vagas descrições, não fosse um retrato — o único — feito em 1845, em Montevideu, no Uruguai. O pintor Gaetano Gallino, ítalo-uruguaio pertencente à *Legião Italiana*, artista predileto dos militares e damas da época, atendendo a encomenda feita por Garibaldi, retratou-os num par de miniaturas aquareladas. O medalhão com a imagem de Anita, autenticado por seu filho Ricciotti como o único retrato existente da heroína, encontra-se hoje no Instituto de História do Ressurgimento Italiano, em Roma.

Anita era filha de Bento Ribeiro da Silva e Maria Antônia de Jesus. Tinha cerca de um metro e sessenta de altura, olhos grandes, pele morena, cabelos pretos e lisos, boca fina, com expressão discretamente endurecida. O busto, avantajado, tornava-a uma mulher

atraente e, por esse motivo, ao lutar ao lado de Garibaldi, vestia-se como soldado, tentando passar despercebida. Sua estatura pode ser comprovada pelo traje que recebeu de presente das senhoras que a acolheram na cidade de Cetona, para ser usado num jantar em homenagem ao herói revolucionário, quando em campanha na Itália, e que se encontra hoje no Museu da República de São Marinho.

Anita sempre se destacou por suas atitudes arrojadadas. Embora na época o preconceito obrigasse as mulheres a agir com extrema discrição, ousou, corajosamente, enfrentar o convencionalismo vigente.

Por ser irreverente e avançada, sua

mãe preocupou-se em casá-la o mais rapidamente possível com Manuel Duarte de Aguiar, quando estava com cerca de 14 anos. Há poucas informações sobre ele. Introspectivo e taciturno, sapa-teiro de profissão, contrastava com a irrequieta jovem, o que tornava a vida conjugal lastimável para ambos. Ricciotti, filho de

Os momentos marcantes da existência de Anita Garibaldi constituem hoje, passados mais de 150 anos, um importante legado histórico e edificante exemplo de bravura em defesa da liberdade

Anita e Garibaldi, jamais admitiu ter a mãe pertencido a outro homem além de seu pai. Existe, aliás, a hipótese de Anita, casada com Duarte contra a vontade, nunca ter deixado que o casamento se consumasse, o que explicaria a ausência de filhos. Dessa forma, Garibaldi teria sido, realmente, o único homem na vida de Anita.

Com a eclosão da *Revolução Farroupilha* em 1835, Manuel, monarquista, alistou-se na Guarda Nacional, por idealismo ou para fugir de uma existência infeliz, e desapareceu antes da vinda do líder revolucionário. Giuseppe Garibaldi chegou a Laguna em julho de 1839, quando proclamou com os líderes farroupilhas a República Catarinense. Em

suas *Memórias* escreveu sobre o encontro com Anita:

Ambos ficamos estáticos e silenciosos, olhando-nos um ao outro como duas pessoas que já se encontraram e tentam reconhecer reminiscências nas fisionomias... Finalmente cumprimentei-a e disse-lhe em italiano: *Tu devi essere mia*. (Você deve ser minha). Fui magnético na minha insolência e tinha atado naquele momento as nossas existências, dando um nó que só a morte poderia desfazer.

Anita revelou-se guerreira, ao lado de Garibaldi, nessa epopéia catarinense que durou 120 dias. Após a reconquista de Laguna pelo Império, o casal partiu, mas continuou lutando em vários locais, no Sul do país, onde a coragem de Anita foi sempre comprovada.

Em meados de 1841, estacionada a *Revolução Farroupilha*, seguiram para o Uruguai, Montevidéu, onde, na suposição da morte de Manuel Duarte nas lutas a favor do Império, casaram-se na matriz de São Francisco de Assis.

O Uruguai estava ameaçado pelo ditador Juan Manoel de Rosas, da Argentina, e Garibaldi, chamado para defender a liberdade do país, formou a Legião Italiana do Uruguai. Como enfermeira das tropas, Anita demonstrou mais uma vez seu espírito guerreiro e humano.

No país o casal teve três filhos: Rosa, Teresita e Ricciotti. Habituada às lutas no Brasil sempre ao lado do herói, não se acostumara, em Montevidéu, a dividir seu afeto. Nesse período, revelou o temperamento ciumento que Jessie White Mario descreveria, mais tarde, como exagerado e violento. Referia-se às mulheres que sempre rodeavam o líder e ao segredo que ele fazia desse assédio, por sabê-la extremamente possessiva. Segundo as próprias declarações de Garibaldi à escritora e amiga, quando Anita suspeitava de alguém *aparecia com duas pistolas, uma para atirar contra mim (Garibaldi) e outra, contra a rival*. Certamente não foram injustificados os ciúmes de Anita, pois Garibaldi era considerado carismático e envolvente.

No início de 1848, atenuada a guerra depois de uma campanha notável e vitoriosa, partiram para a Itália, onde lutariam pela unificação e liberdade do país.

Integraram-se imediatamente nas lutas. Após a queda da República Romana, fugiram perseguidos pelos austríacos, napolitanos, franceses e forças pontificias. Foi durante a passagem pela República de São Marinho que Anita apresentou sintomas de doença. Não quis, entretanto, deixar Garibaldi partir sem ela. A fuga continuou com perigos, medos e sobresaltos. Anita era quem mais sofria, embora calada, evitando aumentar as preocupações do homem amado. Conhecia-o bem, e sabia que ele necessitava de seu amparo e apoio; assim, faria qualquer sacrifício e suportaria todos os padecimentos para não deixá-lo.

Ao chegarem à Vila de Mandriole, o dr. Pietro Nannini, médico local, foi chamado para atendê-la em seus últimos momentos. Mas ela já estava morta. Eram 19 horas e quarenta e cinco minutos do dia 4 de agosto de 1849. Nos momentos finais, sem queixas, Anita Garibaldi teria possivelmente rememorado os momentos marcantes de sua existência que hoje, passados mais de 150 anos, constituem um importante legado histórico e um edificante exemplo de bravura em defesa da liberdade.

Yvonne Capuano é membro do Conselho Cultural da APM

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto:

Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural:

Duílio Crispim Farina (presidente);

Carlos Alberto Salvatore

Antônio Valdemar Tosi

Marisa Campos M. Amato

João Marques Teixeira

Yvonne Capuano

Cinemateca:

Wimer Botura Júnior

Pinacoteca:

Aldir Mendes de Souza

Museu da História da Medicina:

Jorge Michalany

Coordenação Musical:

Dartiu Xavier da Silveira

A respeito do símbolo

M.I. Rollemberg

Recentemente o Suplemento Cultural da APM publicou um artigo do eminente Professor Joffre Rezende sobre o símbolo da Medicina. Nele o ilustre mestre discute com profundidade a unicidade ou duplicidade das serpentes em torno de um caduceu. Ressalta a polêmica que envolve o assunto e embora tendo sua preferência claramente definida, não deixa de assinalar a aceitação em vários segmentos da outra hipótese, particularmente em instituições americanas. Por esta razão, gostaria de fazer algumas observações de minha vivência pessoal.

A primeira vez em que ouvi falar do Professor Joffre Rezende foi na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Naquele tempo a endemia da Moléstia de Chagas era combatida de frente pelos pesquisadores da novel escola, encontrando ressonância entre os professores mineiros e do planalto central goiano. Neste a figura de destaque era exatamente o ilustre professor. As trocas de informações eram frequentes entre estes centros e em uma delas o Prof. Joffre comentou com o Prof. Câmara Lopes, grande estudioso do tratamento cirúrgico do megaesôfago, a alta incidência da doença em Goiás, a tal ponto que em uma consulta médica, no interrogatório sobre os diversos aparelhos, indagou de uma paciente no jargão típico local para disfagia: "A senhora entala?", ao que a paciente respondeu incontinentemente: "Doutor, quem não entala?"

Nunca tive o prazer de conhecê-lo pessoalmente, o que veio acontecer somente há alguns anos atrás, em Atenas. Coincidentemente nos hospedamos no mesmo hotel, no qual se encontrava em companhia de meu colega de turma, o Professor Ulysses Meneghelli. Jam os dois casais a um congresso sobre História da Medicina na Ilha de Cós. No final do ano ao nos encontrarmos em Ribeirão Preto, o Prof.



A Escola de Comércio Álvares Penteado abrigou a Faculdade de Medicina da USP

Meneghelli nos contou que haviam sido vítimas de um incidente desagradável ao tentarem entrar na Turquia pela segunda vez. Não tendo providenciado a obtenção de um visto de entrada múltipla, na segunda vez foram barrados pela polícia alfandegária. Por sorte, tiveram um final feliz.

Fomos para a Turquia e realizamos um tour extenso, um dos motivos de nossa observação, como explicaremos adiante.

A Faculdade de Medicina de São Paulo iniciou suas atividades em uma casa adaptada na rua Brigadeiro Tobias, no centro velho. Antes de se transferir para a avenida Dr. Arnaldo, passou um pequeno período no prédio da Escola de Comércio Álvares Penteado, no largo São Francisco. Em seu frontispício, embora parcialmente encoberto por frondosas árvores, ali ainda se conservam os símbolos da Medicina, representados por duas serpentes entrelaçadas, com o caduceu (Foto 1). Aliás, a Escola Paulista de Me-

dicina, hoje Universidade Federal de São Paulo, também teve seu início em um casarão da rua Napoleão de Barros, conservado até hoje com carinho. A Faculdade de Ribeirão Preto teve suas instalações em uma antiga residência de um barão do café, na praça da Matriz, enquanto as obras na fazenda Monte Alegre não chegavam ao seu término. Somente a Faculdade de Medicina da Santa Casa de São Paulo foi criada dentro de um hospital, no dizer do Prof. Zeferino Vaz em sua aula inaugural, "como as faculdades de medicina da Velha Albion." Nestes outros edifícios citados não percebi a presença dos símbolos da medicina, embora o brasão da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto contenha uma águia de asas abertas segurando em uma das patas uma espada de prata e na outra uma cobra envolta em um caduceu.

Na primeira vez em que visitamos Ephesus, fazíamos parte de um grupo de turistas latino-americanos ten-

bolo da Medicina

do sido recebidos por uma guia turca extremamente simpática e culta. Explicava-nos em frente ao gigantesco anfiteatro, utilizado até hoje para espetáculos culturais, que daquela avenida, antigamente, iam direto ao porto. Com o assoreamento o mar foi deslocado quase vinte quilômetros, só permitindo o desembarque hoje em dia, através do porto de Kusadasi. Pediu para fecharmos os olhos e nos transportarmos em sonho àqueles tempos, em que num dia de sábado como aquele havia um movimento desusado em direção ao porto, por que mais tarde estaria pregando um fantástico tribuno de nome Paulo, expondo as idéias de uma nova religião. Encontravam-se ali a Mãe do Nazareno e seu seguidor predileto – João Evangelista. A Virgem morava

nas redondezas, no alto de uma colina. Naquele mesmo dia houve uma pequena turbulência, causada por um efésio de nome Demétrius, que invectivava contra a nova religião, já que ia de encontro com a adoração de sua deusa Diana, cujo templo se afigurava como uma das sete maravilhas do mundo. Foi se fazendo uma camaradagem e lá pelas tantas, sabendo de nossa profissão, perguntou de súbito: "O senhor sabe por que o símbolo da Medicina é representado por duas serpentes?" Já me dispunha a responder, quando ela de maneira jocosa foi se antecipando: "É por que os médicos cobram duas vezes..."

Desta vez ocorreu ao visitarmos o Asclepion de Pergamo na Ásia Menor, considerado um dos mais famosos da antigüidade, quase todo ele recupera-

do pelos arqueologistas. Em lugar destacado após sua entrada monumental, deparamos com parte do altar do Propileu (foto 2), onde se vê a enorme coluna de mármore partido com o primeiro símbolo da Medicina, segundo os especialistas locais, no qual se percebe nitidamente dois círculos, com um grande contendo um menor em seu interior e lado a lado em oposição, duas serpentes com as cabeças atravessando o círculo maior, em direção ao círculo menor. Na realidade é uma concepção totalmente diferente das analisadas pelo ilustre professor.

Ficam aqui estas considerações, como colaboração em torno deste tema tão polemico.

*M.I. Rollemberg é
médico e escritor*



Em Asclepion de Pergamo, na Ásia Menor, o símbolo da medicina está em uma coluna de mármore

Sem título de nobreza

Mariazinha Congílio

Ganhei um cachorro. Já tem nome. Chama-se Bilu. Se fosse para eu escolher o nome teria dado outro; não faz mal. Bilu parece contente por chamar-se assim; é preto e tem pelos brancos em forma de coração perto do pescoço.

Outro dia vi quando Bilu estava proseando com King. Vou explicar. Acontece que meu vizinho tem um cachorro também. O vizinho é o doutor Meireles e o cachorro é o King. Se você nunca ouviu falar de King, posso lhe oferecer informações valiosas: é várias vezes campeão, possui diversas medalhas de ouro e prata; com tantas condecorações deve ser pelo menos general do mundo canino. Tem estatuetas também, é um cão society. Seu dono tem um livrinho (de pedigree – esqueci como chama o dito cujo) onde está escrito toda a árvore genealógica de King e por onde se fica sabendo que ele é um cachorro gentleman e que toda a sua ascendência é nobre.

Pode ser que entre seus antecedentes tenha algum que amou um vira-lata (no caso, dog street) mas isto, é claro, não consta em sua árvore genealógica; se assim aconteceu, esses amores foram clandestinos.

King foi desde pequeno submetido a diversos tratamentos. Assim, só podia tomar mamadeiras de leite quando pequeno e uma vez por dia consentiam que ele provasse fubá com agia. Como qualquer gentleman, King recusou essa iguaria e passou a tomar mais uma mamadeira. Não lhe era permitido saborear um osso e submeter-se a exames médicos periódicos para controle de peso e alimentação. Houve um mês em que ele e seu treinador andavam em volta da quadra para fazer exercícios que o fizessem perder peso; muitas vezes era seu dono quem saía com ele e corriam exercitando-se. O que me fez desejar não possuir cachorro, com pedigree; não gostaria de sair correndo por aí com um cachorro; e se eu dissesse é alguém que corria para fazer o cachorro emagrecer... Quero cachorro de raça, não. King tem um latido curto e seu rabo agita-se muito lentamente. Tem classe, o danado!

Mas afinal estávamos falando era de Bilu; pois é, Bilu tem sua vida suave e mansa.



Come quantos ossos quiser e encontrar. Dorme numa poltrona, enroladinho, e com ares de proprietário, o que me faz crer que ele pensa ter adquirido aquele móvel. Eu, por mim, não entabulei negócio algum com ele; mas, você sabe como é negócio com cachorros... Às vezes ele se espreguiça; manhosamente lambe a mão de alguém, como se estivesse concedendo um grande cumprimento; com andar imponente e cheio de graça vem comer; cada vez Bilu anda ficando mais importante e para mim isso acontece devido às conversas que ele mantém com o King. Desconfio levemente que King anda assegurando a Bilu que ele também é de nobre descendência. Ainda mais que pendurei no pescoço dele um sininho...

Gracioso em seus movimentos, Bilu aprendeu a apoiar-se somente nos pés traseiros e levantar o corpo para pegar um petisco qualquer. Sua cauda então se balança de puro convencimento por saber-se assim, tão sabido.

Mas, você não pense que Bilu tem realmente ancestrais nobres. Posso lhe garantir que assim não é, porque procurei estudar a árvore genealógica dele também e vi que a mesma é um tanto confusa; pois os cachorros de sua família tiveram o hábito de se casar duas, três ou mais vezes. Não é que tivessem matado as mulheres; elas sumiram de suas vidas; e quanto à ala feminina da família de Bilu, nem é bom falar. Nem é bom falar...

Encontrei também na família de meu cachorro cães pertencentes à famílias honradas e trabalhadoras. Outros, pertencentes a abastadas famílias; e se são ricas, logicamente são honradas, porque sabemos que os ricos são sempre honrados; tenho disso provas insofismáveis.

Achei melhor não estudar muito profundamente a família de meu cão para não provocar em Bilu algum complexo ou abatimento moral tão comum, quando se encontram falhas nos antepassados. Tentei explicar-lhe que um ser vale pelo que é e não pelos que o antecederam. Não adiantou. Se Bilu souber que seu avô era comilão por certo há de querer engordar por isso.

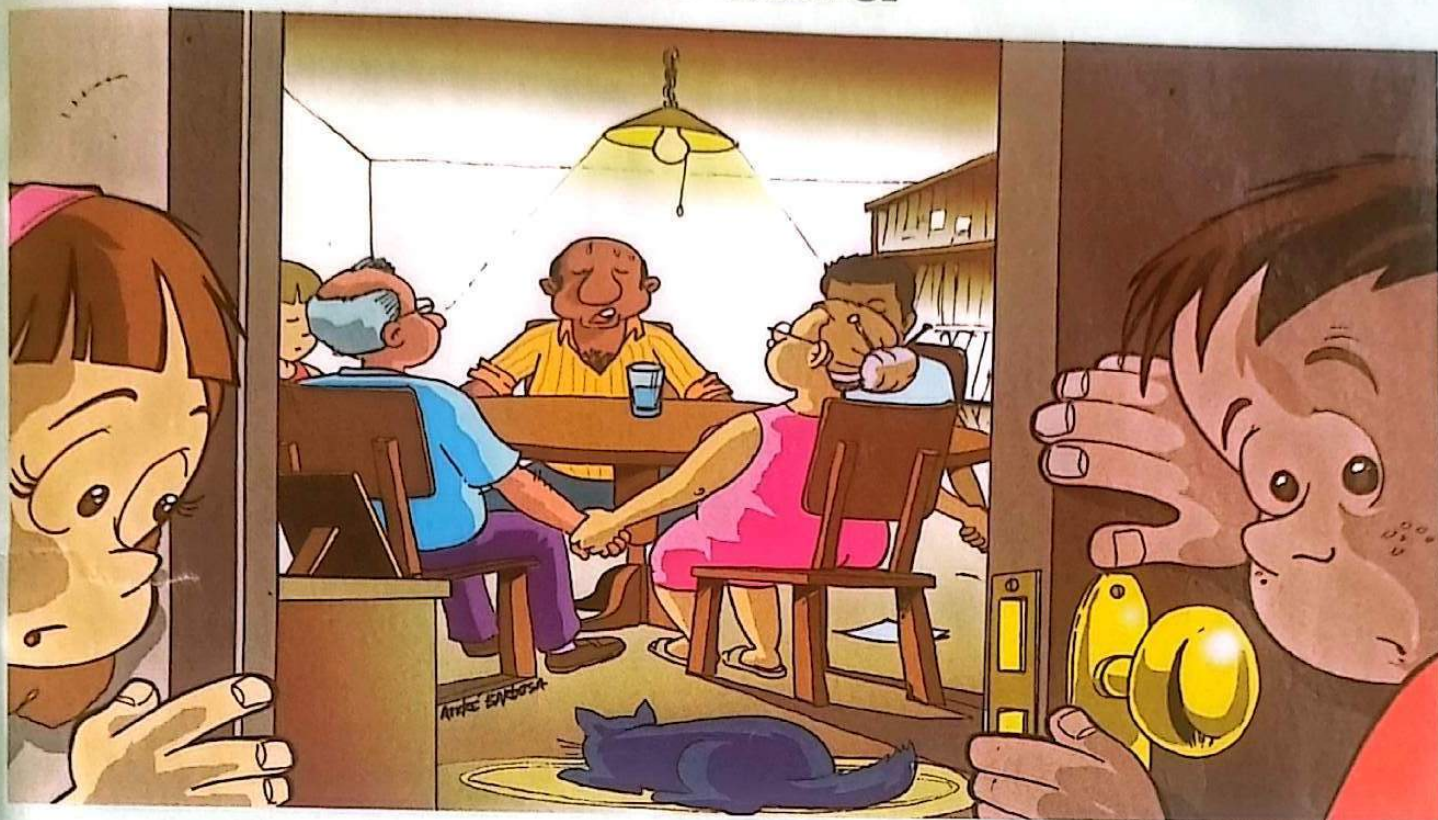
Lá está ele. Enroladinho em sua poltrona dormindo na santa paz dos justos. Logo mais vamos discutir um pouco devido ao banho. Infelizmente devo confessar que Bilu não aprecia muito o banho e deverá causar vexame ao seu nobre amigo King.

Mas não posso me queixar. Não preciso lhe dar mamadeiras, não é necessário levá-lo ao médico, posso lhe oferecer ossos e não sou obrigada a andar correndo com ele pelas ruas. Quem me deu Bilu é uma pessoa de bom-senso: sabe que eu não seria a dona ideal para um nobre cão.

Veja só o Bilu! Está disfarçadamente lambendo a patinha dianteira! Danadinho...

Mariazinha Congílio
é poetisa e escritora

Carcará



Ivan de Melo Araujo

Eu era ainda um menino arredio, o ranho escorrendo por ambas as narinas, a bronquite às vezes atacava meu peito ao primeiro golpe de vento frio das manhãs de maio. Para melhorar, devia passar as férias em Albuquerque, já que a garoa de Santo André era perniciososa, e a atmosfera tresandava os humores da refinaria Capuava, catalisando e destilando em suas entranhas o petróleo das arábias para o progresso do país.

Naquele tempo as férias escolares eram prolongadas, o mês de julho inteiro mais dezembro, janeiro e fevereiro, nem por isso os resultados acadêmicos eram piores. Tampouco aprendíamos menos do que hoje, apesar da carrada de normas e quesitos exigíveis das escolas primárias, que não formam mais nada nem ninguém.

Mas o ar do interior de São Paulo era fino, o calor mais agradável, não garoava nunca. Assim, as férias na casa de vovó Eugênia eram a alegria do ano, eu mal dormia à véspera da viagem, uma sensação de arrepio pela expectativa de tantas aventuras que me esperavam. A viagem começava

pelo trem da estação suburbana até a estação da Luz, depois a longa espera pela brilhante composição da Companhia Paulista, as malas, o embarque, e lá ia eu sentado nas cadeiras vermelhas de tecido áspero, mexendo na alavanca de aço polido para mover o encosto, os vendedores de revistas e refrigerantes passando a toda hora pelo corredor, as andanças pela composição, pelo Pullmann, com suas cadeiras giratórias de couro, o carro restaurante com um aroma inconfundível do delicioso filé Arcesp com batatas e ovos fritos na manteiga, o guaraná, os carros com suas cabinas de leito tão apreciadas que passaram a ser denominadas Gildas, em homenagem à maravilhosa personagem eternizada por Rita Hayworth.

Tudo era empolgante, novidade ou motivo para perguntas, meus olhos grudados à paisagem que desfilava pelas janelas, lagoas, pastagens, cafezais, nomes estranhos de cidades como Itirapina, Dois Córregos, Iracemápolis, Cordeirópolis, e eu o ponto de interrogação permanente, a perguntar e perguntar, com a curiosidade impertinente dos meus oito anos, queria saber de tudo:—o que é Caracu? —que é “O Cruzei-

ro”?—Que é Rhum Creosotado? —o que são testículos?—o que são pastilhas fenólicas de freio?—Pra que serve Modess?—o que é tara?—Pra que serve passagem de nível?—E WC, o que é?

Fico hoje a imaginar a paciência de minha mãe a tentar esquivar-se da saraivada de perguntas de todos os tipos, enquanto acendia seu Continental e aspirava longas baforadas de fumaça para se livrar do embaraço das incontáveis perguntas que eram verdadeiras sinucas de bico.

Chegando a Bauru, a baldeação! Os trens que corriam pela NOB (Noroeste do Brasil) tinham bitola diferente, portanto havia a necessidade de troca de trens, com horas de espera. Os silvos dos condutores para que os passageiros subissem e tomassem seus lugares, e o longo apito da locomotiva ainda está presente em meus ouvidos nostálgicos, recordando-me do sono aconchegante que dormia após esta longa viagem, sob os cheirosos lençóis da casa de minha avó.

Pela manhã, o dia se abria radioso para as brincadeiras no quintal, com as goiabas convidativas que abrigavam sob seus galhos envernizados a petizada

da vizinhança. Parte do dia era gasta na confecção de estilingues, cujas borrachas eram cuidadosamente recortadas de câmaras de ar com tesoura, evitando as mordidas na linha reta que se esperava da fita elástica: — não pode ter boqueira, se não a borracha parte e quebra o estilingue! Os mais sofisticados iam à farmácia para comprar tripa de mico, a borracha amarelada que se usa para os garotes de injeção venosa. A seguir, amarrá-las com linha *cordonet* à forquilha, sendo a melhor e mais simétrica extraída de um arbusto que é praga de pasto, denominada leiteiro. A casca era removida, a madeira branca polida com canivete, e ao final se fazia um entalhe em cada ponta para a amarração.

Uma banda de sola com dois orifícios servia de funda para colocar os projéteis, e pronto! Ato contínuo, escolher um bom local para as guerras, o chiado áspero da mamona estilingada que provocaria muito mais barulho que machucado.

À tardezinha, hora da Ave Maria, íamos à Igreja de Santo Antônio, porque o Quita, coroinha, precisava badalar o sino chamando os fiéis, e ajudar na missa.

Após esta manhã agitada, o estômago reclamava por um bom almoço, que não tardava a sair do fogão à lenha,

tão logo meu avô assoviava seu anúncio de chegada da tipografia. Deliciosos bifés de caçarola, virado de frango na farofa de milho, batatas coradas, arroz branco, feijão rosinha, alfaces e almeirões, tomates em rodela, e as sobremesas que só a vovó sabia fazer: os doces de laranja, goiaba em calda, cajuzinhos cristalizados, ovos nevados... engolia todas estas iguarias às pressas, esperava impaciente meu avô liberar-me da mesa, como ele demorava a sorver seus tragos obrigatórios de vinho, importunando-me com perguntas!

Corria a seguir pela calçada, com os amigos Quita e Binho, filhos do vizinho, os dois nascidos com pés tortos, segundo a minha avó "por causa da sífilis", os pobres: — a doença dos pais descarrega

num filho e pula o outro, veja só, a Clarisse tem pés perfeitos, os dois moleques nasceram tortos, foram operados na Santa Casa de São Paulo pra endireitar.

O dia todo gasto em correrias, subindo e descendo de árvores, esfolando os joelhos na casca das sibipirunas da calçada. À tardezinha, hora da Ave Maria, íamos à Igreja de Santo Antônio, porque o Quita, coroinha, precisava badalar o sino chamando os fiéis, e ajudar na missa.

Remover depois todo o meu encardido adquirido no dia era tarefa cumprida à risca por Eugênia, que me punha nu sobre o estrado de madeira e passava a bucha à vontade, bem atrás das orelhas que segundo ela tinham terra suficiente pra plantar cebola. O jantar, a conversa na calçada, histórias de assombração e de medo, casos e cobra e de onça, dormir às oito horas, hora de criança educada ir pro berço.

A primeira Terça-feira, novidades à noite: — Hoje é dia de Carcará, dizia minha avó, usando os eufemismos tão em voga naqueles tempos em que criança não podia entrar em conversa de gente grande. Meus avós, espíritas praticantes, tinham sessão doméstica ao estilo "mesa branca" nas noites de Terça, após o jantar, na sala de visitas. Recebiam cerimoniosos os outros mesários, dentre os quais o Sr. Samir, ou Salvador, como queria minha avó, médium poderoso que centralizava os trabalhos da sessão. Está claro que nessa altura eu já enchera minha avó de duzentas perguntas, sobre o que é espírita, médium, sessão, turco, etc. Fiquei sabendo que Samir era o homem da loja de tecidos, "turco" do Líbano, e o vi chegando com sua cara inconfundível de levantino, a pele azeitonada, o nariz enorme, a careca brilhante que a toda hora enxugava com um lenço, os gestos maneirados e educados de suas mãos enormes e de dedos grossos, que cruzava de imediato após sentar-se à cabeceira.

Nada pude ver, pois fui pego pelos fundilhos e levado à calçada, porque criança não poderia assistir sessão. A verruma da minha curiosidade foi penetrantemente crescendo, à medida que os trabalhos transcorriam. A luz apagada, os rugidos que vinham de lá de dentro, queria saber de tudo sobre aquele mistério que jamais me havia sido revelado. Crivei meu avô Chiquinho de perguntas, e ele me esclareceu sobre os espíritos que baixavam à sessão, muitos em sofrimento à busca de

explicação ou para saberem que já tinham desencarnado, outros chamados espíritos de luz, esclarecidos e que vinham confortar aos vivos ou a outros espíritos, e deu-me a ler um livro de Ramatis, mas não consegui decifrar nada a respeito. Prometi a mim mesmo que na sessão da semana seguinte iria acompanhar tintim por tintim todo o trabalho, e de fato o fiz, encostado do outro lado da porta da sala, ou seja, na copa, acompanhado de minha prima Lília, um pouco mais velha mas não menos curiosa. O primeiro espírito que baixou em Samir rosou como um animal ferido, guinchou, falando uma algaravia incompreensível, mais tarde fiquei sabendo que era um índio muito bravo. E outro e mais outro baixaram, alvoroçando a todos da mesa que eu, pela fresta da porta, não entendendo nada, via a pularem. Samir saltitava em arrancos, a voz grossa com sotaque inconfundível a enunciar coisas ora coerentes ora incapazes de entender, um fio de saliva a escorrer da boca... eu tremia de medo vivo atrás da porta, e Lília se encolhia no outro canto.

O temor, entretanto, não conseguiu calar minha intransigente curiosidade. Chamei-a de lado e cochichei: — como pode um espírito de índio falar que nem turco?? Ela, sem saber o que dizer, respiração entrecortada, ciciou-me: — não sei! Enquanto a luz da sala se acendia, as cadeiras se moveram e a voz grossa de Samir ecoou em nossas almas: — Berdoa, Senior, esses bobre esbirito zofredor... e passou a rezar fervorosamente: — Bai nosso guestai no zéu...

Fugimos em desabalada carreira, pra nunca mais perguntar nada a ninguém a este respeito. Engolimos nossa perplexidade para o que era certamente acima, demasiadamente acima de nossa singela compreensão.

A luz apagada, os rugidos que vinham de lá de dentro, queria saber de tudo sobre aquele mistério que jamais me havia sido revelado

Ivan de Melo Araujo é diretor distrital da APM de Marília (SP)